

## Nina – uma mulher guerreira

Angela/Angelina Sfreddo Donadello ou Donadel, mais conhecida por Nina, nasceu em 1877 ou 1879, na Itália, região do Vêneto. Chegou ao Brasil em 15/07/1889, com seus pais: David Donadello(37 anos) e Elena ou Madalena Sfreddo(30 anos). Juntos vieram seus irmãos: Maria Sfreddo Donadello(9 anos), Giuseppe S. Donadello( 6 anos) e Angelo Sfreddo Donadello(4 anos).

Casou em 27/11/1897 com Antonio Bressan Filho, mais conhecido por Toni, nascido em 1877 na Itália, região do Friuli Veneza Giulia. Veio ao Brasil em 17/01/1893, com sua mãe Maria Dalprá Bressan(37 anos), viúva de Antonio Bressan, falecido na Itália. Juntos vieram os irmãos: Giovani(João) Battista Dalprá Bressan(17 anos), Frederico Dalprá Bressan(11 anos) e Pacifico Dalprá Bressan(6 anos).

Quando chegaram ao Brasil ficaram acampados em Val de Buia, hoje município de Silveira Martins, aguardando assentamento na 4ª Colônia. Porém, todos os espaços já haviam sido ocupados e tiveram que ir para Jaguari.

Lá, antes de serem assentados em áreas demarcadas em Linhas paralelas ao Rio Jaguari e também ao Rio Rosário, ficaram acampados no Barracão situado em frente da atual Igreja Matriz de Jaguari.

Estabeleceram-se, mais tarde, na Linha 15, Fontana Fredda, onde moraram até a data do casamento em 1897. Recém casados, foram morar na Linha 9, próximo a Boca da Picada, 1º Distrito de Jaguari,RS, onde tiveram 16 filhos, sendo 11 homens e 5 mulheres.

A família de Nina, em Fontana Fredda, dedicou-se a Agricultura Familiar, cultivando plantação de feijão, milho, cana de açúcar, arroz, vindima, destacando-se na extração de “Pedra Sabão” destinada à construção civil, inclusive material esculpado para aplicação em capelas e Jazigos de toda a região do Vale do Jaguari.

A família de Toni dedicou-se também a tradicional agricultura familiar, com destaque a produção de uva, para venda in natura e produção de vinho, vinagre, geléia, graspa, etc.

As duas famílias sempre mantiveram também gado leiteiro, criação de suínos, aves, bem como produção de hortigranjeiros, derivados do leite como queijos, nata, banha, salame, copa, morcilia e outros.

A família de Nina e Toni começou a crescer rapidamente, havendo pouco intervalo entre um filho e outro. Iniciou com 1-Maria(1898), 2-José(Bepe)(1900), 3- Natal(1902), 4-João(1903), 5-Genuino(1904), 6-Luiz(1907), 7-Emilio(1907), 8-Rosa(1908), 9-Tranquilo(1909), 10-Elizabete(Luiza) (1910), 11-Hermenegilda(Gilda)(1912), 12-Rodolfo(/cabo Chico)(1913), 13-Olívio(1914), 14-Victório(1915), 15-Itália(1916), 16-Atilio(1918). Considerado filho também seu neto, 4º filho de Natal, de nome Fernando, cuja mãe faleceu durante seu parto. Não tendo a família estrutura para criar, sem a mãe, foi entregue aos avós, Nina e Toni, onde cresceu, casou e logo tomou seu destino.

Ambos, Toni e Nina, casaram-se com 22 anos de idade e seguiram os passos de seus pais na produção agropecuária familiar. As tarefas do casal eram, de modo geral, independentes ou separadas de acordo com a vocação de cada um. Toni dedicou-se ao cultivo da vindima, criação de suínos e lavoura pesada. Nina, mantinha no curral, cerca de 5 a 6 vacas leiteiras, destinada a produção de leite para venda in natura e também para produção de queijos. Os chiqueiros eram mantidos sempre lotados de suínos de diversas raças, mais voltados a produção de banha e embutidos. Os varais de salame, copa, morcilha ficavam sempre lotados no dia da carneação. Era hábito de Nina distribuir um pedaço de carne a cada filho que fosse ajudar na lida ou passasse por lá nesse dia. Também era hábito de família a troca de carne e outros produtos com os vizinhos mais próximos, porque não poderiam ser conservados por muito tempo por não existir freezer ou geladeira na época. A Carne bovina, bem como a de aves, de porco, tinha que ser consumida logo para não deteriorar. Para conservar por mais tempo, fazia-se o Charque ou introduzia as peças cozidas numa lata contendo banha ainda líquida que, depois de solidificada, protegia o alimento.

A horta da Nina era rica em variedades de hortigranjeiros a causar inveja aos visitantes. Qualquer tempo de que dispunha, destinava aos cuidados de sua riqueza verde. É dali que saía grande parte de seus recursos

financeiros. Tão logo atingiam o ponto de venda, lotava sua aranha e saía a vender no povo – nome dado a cidade de sua clientela.

Nina era hábil na arte culinária. Fazia pães deliciosos, assados em forno de abóboda feito pelo Toni, para servir a quem a visitasse, demonstrando sempre sua gentileza quando, no seu dialeto veneziano, perguntava: “Tá com fame fioi”. Lá ia ela recheiar o pão com queijo, manteiga feita em casa, schimier, marmelada e uma caneca de café. Fazia um polenta gigante para alimentar toda aquela filharada que parecia um dia de festa com tanta gente sentada à mesa.

Nos dias de trilhar cereais como feijão, trigo, arroz, eram contratados peões, a quem era servido almoço e café colonial às 16 horas. O refeitório ficava lotado e ela se sentia preocupada com receio de faltar comida. Quando percebia que os pratos centrais estavam se esvaziando depressa, começava a servir jarras com água e suco para diminuir o consumo de comida. Dizia, em italiano: “Beva água Távio” – Otávio era o nome de um dos peões.

Nina não trabalhava sozinha, é claro, sempre teve seus ajudantes. Quando não eram pessoas da família, vizinhos e amigos vinham trazer seu apoio e, vice-versa. A troca de favores era um conceito salutar de boa vizinhança. Havia o chamado mutirão, mais conhecido como “puxirão”. Era a convocação coletiva de colaboradores para executar uma tarefa inadiável, com riscos de prejuízos iminentes não fosse executada em curto período de tempo. Por exemplo, uma colheita de arroz, trigo, feijão, outros. Nesta situação, com mais devoção, entrava a capacidade da Nina para alimentar aquele grupo de trabalhadores famintos.

Toni, com sua imponência de machão, não era muito chegado aos serviços do lar. Era habilidoso no trabalho em madeira, fazendo seus instrumentos de trabalho e reparos das instalações da casa. Fazia os tais de “ventolões” destinados a separar o pó dos cereais, acionados manualmente através de manivela, tendo multiplicação de velocidade de modo a produzir uma forte corrente de ar. A trilhagem de cereais, para separar o grão da palha, era feita em terreiro de forma arredondada. Nele era disposta a palha com grão, sobre o qual passava uma dupla de cavalos, girando em círculo, e pisoteando durante algum tempo. Tão logo esta tarefa era concluída, entrava em ação o ventolão.

Nina era demasiadamente previdente e religiosa. Como previdente, preocupava-se com o dote a ser concedido a cada filho homem que deixasse o lar por motivo de casamento. Cada filho que saía de casa, indo direto para uma área de ½ colônia adquirida por ela, levando uma junta de bois, uma carreta, arado, grade, e demais instrumentos agrícolas para começar sua vida independente. Isto ela fez 11 vezes, pois todos os filhos homem casaram e receberam estes dotes. Religiosa porque não faltava à missa aos domingos, indo cedo para retornar a tempo de fazer seus serviços do cotidiano. Já de volta do seu compromisso espiritual, permanecia algum tempo na janela de sua cozinha, não só fazendo os trabalhos do lar como também observando quem estava se dirigindo para a missa das 10 horas. Era hábito, no retorno dos seus filhos com a família, chegar na “Nona”. Se não chegasse, era punido com a privação de levar o “Pão da Nona” e outros ingredientes.

O seu modo de vestir mudava pouco. Não usava outro estilo senão vestido ou saia longa, indo até os pés. Seus vestidos ou blusas tinham manga longa, fechados na frente, sem decote. No trabalho, o uso do avental era indispensável. Tanto as roupas de Toni quanto às suas, eram aproveitadas até não haver mais espaço para aplicar remendos. Só eram descartadas depois de servirem apenas para panos de chão. O calçado de uso caseiro e de trabalho na roça era o tamanco - uma sepa de madeira com um tira de couro curtido atravessado no terço frontal. Estes detalhes podem ser vistos nas fotos logo adiante. O calçado para passeio e eventos sociais era botina ou sapato de couro semi-curtido, fabricado pela Sapataria Perazzollo, junto aos trilhos de trem na entrada da cidade.

As roupas eram lavadas, usando sabão caseiro feito com gorduras e vísceras de suínos. Depositava a roupa sujas num balaio ou cesto de vime para, em determinado dia de folga, ser lavada no existente nas proximidades da residência, cumprindo mais uma das tarefas do lar. Também passava roupa com ferro aquecido à brasa, abundante no seu fogão de chapa de ferro fundido.

A vida social de Nina se resumia em participar dos atos religiosos como ir à missa aos domingos, rezar o “terço” em casas alternadas de vizinhos. Participava ativamente na organização da Festa de Santa Juliana e, raramente, participava de bailes ou reuniões dançantes por julgar incompatíveis com seus princípios religiosos. Mantinha o fiel costume de usar o sinal de “luto” quando falecia pessoa da família, durante determinado tempo, de acordo com o grau de parentesco. Guardava boa relação de amizade com seus patrícios vindos na mesma embarcação durante a imigração italiana para a América do Sul. Costumava bater papo com Catarina Sesti quando ia ao “povo” vender suas quitandas, onde passavam horas relatando as peripécias da longa viagem pelos mares até chegar no Brasil – a terra prometida. Relembavam cenas de pessoas se divertindo com a perseguição dos tubarões durante a viagem quando torravam abóboras ou morangas para jogar ao mar e ver os famintos tubarões se retorcerem de dor com aquela “batata quente no estômago”. Os tubarões perseguiram a embarcação porque era frequente jogar no mar cadáveres de passageiros falecidos durante o percurso. Gostava de receber visitas, principalmente da família. Muitos netos vinham visitar os “Nonos”. Dentre os preferidos, havia um carinho especial pelos netos que moravam na capital do Estado, na rua Gen. João Manoel, 362. Vinham de Porto Alegre, todos os anos, nas férias escolares, Agamenon, 9 anos, Susana, 10, os quais se divertiam ouvindo as histórias e histórias do nono sobre sua vida na Itália. Os visitantes faziam amizade com os vizinhos de sua idade e saíam a caçar passarinho e a pescar em açude. Era uma diversão nova, gostosa e diferente daquela vivida num apartamento ou casa na capital. Agamenon trazia seus brinquedos prediletos como soldadinhos de Chumbo, Forte Apache e outros, os quais erram esparramados no refeitório da nona. Não reclamava porque se encantava em ver e sentir a alegria e felicidade que brotavam, naturalmente, da expressão de cada um. Naquela época era raro quem portasse uma máquina fotográfica, por isso não havia registro de muitas cenas de bons momentos. Mas os netos, Agamenon e Susana, com padrão de vida melhor, traziam na bagagem este equipamento e, graças a esta providência, foram registrados alguns flashes que serão exibidos logo adiante. Este prazeroso contato se prolongou até 1963 quando os nonos saíram de Jaguari indo morar em Santa Maria.

Isto que já foi narrado aqui, talvez não seja argumento suficiente para elevar Nina ao pedestal de: “Uma Mulher guerreira”. O que consolida o merecimento deste título é sua perseverança, sua persistência, coragem, determinação e, acima de tudo, tolerância. Nem tudo que se passou em sua vida foi um mar de rosas, marcado de bons momentos. Viveu situações difíceis de relacionamento conjugal. Seu marido Toni, apesar de trabalhador, honesto e respeitoso, passou a ingerir bebida alcoólica, principalmente em bodegas, bolichos, bares, chegando a perder o controle emocional, partindo para agressão moral da família. Chegava a acumular três dias seguidos de pileque, chegando em casa transtornado. O excesso de ingestão de álcool, às vezes, o impedia de montar a cavalo e, ainda, caía na sarjeta, não conseguindo sair sem ajuda de alguém. Certa vez, um conhecido seu, viu um cavalo encilhado pastando à margem da estrada por onde passava, quando escutou o sussurro de uma pessoa. Ao chegar perto, ouviu pedido de socorro:” Deus, me tira daqui... Também... se Deus não quiser me ajudar, vou pedir ajuda pro Diabo”. Era o Toni tentando sair do buraco.

Como se isso não bastasse, ao chegar em casa vinha fazendo estardalhaço, bestemando (blasfemando, em seu dialeto friulano) e, ao pegar seu revólver calibre 38, passava a dar tiros para o alto e nas paredes da casa, obrigando a Nina e seus filhos, ainda pequenos, a buscar abrigo e proteção nos galpões próximos aos seus parreirais. Dormia sozinho no casarão, enquanto a família amargava uma cama improvisada de palha nos seus galpões. Apesar de tudo, Nina não abandonou a casa e se manteve fiel e firme até a hora da morte. Daí a homenagem merecida a esse título: **“Nina – uma mulher guerreira”**, lutadora, corajosa, digna de louvores. Toni, mesmo alcoolizado, nunca agrediu fisicamente sua mulher, apenas a ameaçava. Mesmo que quisesse, não se atreveria a levar uma surra da mulher devido a seu estado de embriaguez. Era valente quando portava um revólver e, dele, todos tinham medo. Depois que cessava o efeito do álcool, Nina encurralava-o num canto da casa e passava-lhe um sermão, xingando-o em dialeto vêneto-italiano. Procurava ferir os brios de Toni, menosprezando os descendentes de sua região na Itália – os friulanos, pejorativamente chamados de “Furlan”. Toni escutava calado, olhinhos redondos e arregalados, fumando um cachimbo, chamado “Pipa”. Só abandonou o álcool quando os filhos já estavam adultos, os quais passaram a cobrar-lhe o mau comportamento. Apesar de

tudo isso, Nina nunca demonstrou vontade de separação, devido à repercussão de um ato desta natureza ser condenado pelos imigrantes italianos. Continuava cumprindo seu dever de dona de casa, intervindo em tudo que lhe dizia respeito sem esmorecer. Assim era a Nina – uma mulher guerreira.

Os filhos foram casando e saindo de casa, ficando na companhia do casal apenas o neto, de nome Fernando que, depois de um tempo de casado, sua esposa não aceitou o convívio dos idosos e teve que sair, deixando o casal de velhos sozinho, já debilitados pela idade. Nenhum dos seus filhos se sensibilizava o suficiente para acolhê-los num lugar mais seguro, compatível com sua idade e dignidade.

Nina conservava uma linha radical e diferenciada que, em determinadas circunstâncias, passava dos limites da compreensão. Em razão de sua elevada espiritualidade e seguidora incondicional da Bíblia Sagrada, procurava cumprir os 10 mandamentos nela contidos.

Não admitia que filho seu desrespeitasse tais mandamentos dizendo que preferia ter um filho morto, a ter um filho assassino. Se um filho seu cometesse assassinato, seria deserdado e não mais deveria ser procurado. Não admitia ser mãe de um assassino. Por ironia do destino, um de seus filhos, agindo em legítima defesa, feriu mortalmente um cidadão que o agrediu e o insultou injustamente. Diante deste quadro, sua promessa vigorou por algum tempo, porém, aos poucos, devido a conselhos de amigos, parentes e principalmente do padre, foi mudando de ideia e trouxe de volta seu filho ex-comungado.

Este filho, o ex-comungado, foi o único que se sensibilizou diante do abandono dos idosos no casarão e tratou logo de acolhê-los, levando-os para sua casa em Santa Maria, onde construiu um ambiente digno de morar. Ali se mantiveram durante 4 anos, quando, em 28/09/1966, Nina veio a falecer aos 91 anos de idade. Toni, logo foi morar com outro filho na localidade de Potreiro Grande, em Jaguari, vindo a falecer um ano depois, aos 92 anos.

A seguir, vem algumas fotos antigas que ajudam a ilustrar o texto.



Antonio Dalprá Bressan Filho, o Toni e Angelina Sfreddo Donadel, a Nina, em foto pintada a óleo, mantida no refeitório da família durante o tempo em que lá viveram.



Residência de Nina e Toni, onde se observa a estrada de chão na frente da casa de Victor Polett. Na janela que aparece na cozinha ficava a Nona cuidando quem passava, indo à missa aos domingos. No fundo aparece o Cerro São Miguel. Na foto de baixo, vista da cozinha, à esquerda e, à direita, o casarão.



A seguir vem os filhos de Nina e Toni. Todos já são falecidos(hoje: 17/05/2019).



1-José(Bepe)



2-Maria cc. Luis Cadó



3-Natal cc. Antonina



4-João



5-Genuino cc. Rosa



6-Luis



7-Emilio cc. Maria



8-Rosa cc. Antonio Polett



9-Tranquilo cc. Maria



10-Elizabet cc. Jaques



11-Olívio cc. Aurora



12-Vitório



13- Gilda c/Agamenon



14-Rodolfo cc. Rosa Azolin



15-Itália



16-Atilio

Agamenon e Suzana visitam os nonos – Nina e Toni.



Toni de Nina em épocas distintas



Foto: 1912



Foto:1958



Foto: 1962

Colaboração: Agamenon Vladimir Silva. Corre nas veias de Agamenon o sangue de Bressan, mas seu pai, Abilio Jerônimo da Silva, não registrou este nome. Tinha o apelido de "Pernambuco", por ser natural daquele Estado.

Obs: O autor desta pesquisa, Hermes Bressan, tentou buscar mais contos dos nonos, porém, quem poderia enriquecer esta publicação já não está mais entre nós.

\*\*\*\*\*